

A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A Revista A Aurora

Junho de 2026

Índice

| | |
|---|-----------|
| DESTAQUES DA AURORA | 2 |
| O DIA DO PENTECOSTES..... | 2 |
| OS ESTUDOS BÍBLICOS INTERNACIONAIS | 17 |
| DÉBORA E BARAQUE | 17 |
| A ORAÇÃO DE ANA RESPONDIDA..... | 20 |
| JÔNATAS E DAVI — AMIGOS FIÉIS..... | 23 |
| AMÓS, UM PROFETA CORAJOSO | 26 |
| VIDA CRISTÃ E DOCTRINA | 29 |
| A PROMESSA CONFIRMADA..... | 29 |

Acompanhe na sua Bíblia!

O Dia do Pentecostes

“No dia do Pentecostes, todos os crentes estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, ouviu-se do céu um som como o estrondo de uma forte tempestade, e encheu a casa onde estavam sentados. Então, apareceram o que pareciam ser chamas ou línguas de fogo, que se pousaram sobre cada um deles. E todos os presentes foram cheios do espírito santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o espírito santo lhes concedia a capacidade.”

Atos 2:1-4

O mundo cristão geralmente reconhece três eventos marcantes como a base de suas crenças religiosas: o nascimento milagroso de Jesus por sua mãe Maria; a morte de Jesus na cruz do Calvário; e a ressurreição de Jesus no “terceiro dia” à natureza do espírito divino. Há um quarto evento de vital importância para o cristão — um que, no entanto, geralmente não recebe a mesma profundidade de apreciação que deveria. É o Dia de Pentecostes, que ocorreu cinquenta dias após a ressurreição de Jesus. É nosso propósito, nesta reflexão, examinar a origem, o contexto e, mais importante, o significado desse dia especial na história da fé cristã.

A palavra “Pentecostes” aparece apenas três vezes na Bíblia e, por ser uma palavra grega, ocorre apenas no Novo Testamento. O uso mais conhecido encontra-se nas palavras do nosso texto inicial. A palavra é usada posteriormente em Atos 20:16:

“Paulo havia decidido navegar por Éfeso, contornando- , pois não queria perder tempo na Ásia; ele se apressava, se possível, para estar em Jerusalém no dia do Pentecostes.” O uso final da palavra está em 1 Coríntios 16:8: “Ficarei aqui em Éfeso até a Festa de Pentecostes.” Nessas duas últimas referências, fica implícito que Pentecostes era mais do que apenas o evento notável descrito em Atos, capítulo 2, a respeito do derramamento do espírito santo. Pentecostes teve sua origem como um dos dias de festa dos judeus descritos no Antigo Testamento.

A Festa do Antigo Testamento

O que ficou conhecido nos tempos do Novo Testamento como o Pentecostes era uma das três festas anuais de Israel. No Antigo Testamento, ela tinha dois nomes — a “Festa da Colheita” e a “Festa das Semanas”. Lemos sobre ela pelo nome de Festa da Colheita em Êxodo 23:14-16: “Três vezes por ano celebrarás uma festa em minha honra. Celebrarás a festa dos pães ázimos: . . . E a festa da colheita [o Pentecostes], a primícia do teu trabalho, que semeaste no campo; e a festa da colheita, que é no fim do ano, quando tiveres recolhido o fruto do teu trabalho do campo.”

Outra referência a esta festa encontra-se em Deuteronômio 16:9, 10, 16, onde é chamada de Festa das Semanas. “Conta sete semanas a partir do momento em que começares a ceifar o trigo, na época da colheita. Então celebra a Festa da Colheita em honra do SENHOR, teu Deus. Traga-lhe uma oferta voluntária proporcional às bênçãos que você recebeu dele. . . . Todos os anos, cada homem em Israel deve celebrar estas três festas: a Festa dos

Pães Ázimos, a Festa da Colheita e a Festa dos Tabernáculos. Em cada uma dessas ocasiões , todos os homens devem comparecer perante o SENHOR, seu Deus, no lugar que ele escolher, mas não devem comparecer perante o SENHOR sem uma oferta para ele.” A Festa das Semanas também é mencionada em dois outros lugares: Êxodo 34:22 e Números 28:26-31.

O capítulo 23 de Levítico explica em detalhes exatamente quando ocorria o Pentecostes, seu propósito e por que era descrito por dois nomes — Festa da Colheita e Festa das Semanas. Os versículos 5-7 dizem: “No décimo quarto dia do primeiro mês, ao anoitecer, é a Páscoa do Senhor. E no décimo quinto dia do mesmo mês é a festa dos pães ázimos. . . . No primeiro dia [o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos — o décimo quinto dia do primeiro mês] tereis uma santa convocação: não fareis nenhum trabalho servil nesse dia.” Esse primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos deveria ser uma “santa convocação”, ou seja, um dia de sábado especial. Os dias de sábado eram aqueles em que os israelitas não realizavam nenhum trabalho servil. Nesse caso, não se tratava do sábado semanal do sétimo dia, mas de um sábado especial — uma santa convocação para o Senhor.

Continuando com Levítico 23:10,11: “Fale aos filhos de Israel e diga-lhes: Quando entrarem na terra que eu lhes dou e colherem a sua colheita, trarão ao sacerdote um feixe das primícias da vossa colheita; e ele o agitará perante o SENHOR, para que seja aceito por vós; no dia seguinte ao sábado, o sacerdote o agitará.” Esse “balançar” do feixe, ou punhado, das primícias da colheita de grãos de

Israel, deveria ser feito no décimo sexto dia do primeiro mês, o “dia seguinte” ao sábado especial, que era no décimo quinto, conforme observado anteriormente.

Levítico 23:15,16 diz: “A partir do dia seguinte ao sábado — o dia em que trouxeres o feixe de grãos para ser levantado como oferta especial [o décimo sexto dia do primeiro mês] — conta sete semanas completas [49 dias]. Continue contando até o dia seguinte ao sétimo sábado, cinquenta dias depois. Então, apresente uma oferta de grãos novos ao SENHOR.” Esse quinquagésimo dia era a Festa das Semanas — ou a Festa da Colheita. É chamada de Festa das Semanas porque a data em que a festa ocorria era determinada pela contagem de sete semanas, mais um dia, a partir do momento em que o feixe da primícia era oferecido. Além disso, a palavra grega Pentecostes significa “o quinquagésimo dia”. Dependendo do cálculo judaico de cada ano civil, a data do Pentecostes pode variar entre a segunda quinzena de maio e a primeira quinzena de junho. Com base no cálculo de Levítico 23, a data correspondente para o Pentecostes deste ano foi 23 de maio de 2026.

Propósito da Festa de Israel

Esta festa de Israel era para ser uma celebração de ação de graças a Deus pelas primícias de sua colheita, daí o segundo nome, Festa da Colheita. Esta era uma colheita especial. Não era a colheita de vegetais ou frutas, mas a colheita de grãos — especificamente trigo. As primícias desta colheita eram dedicadas a Deus. Durante esta festa, muitas ofertas eram feitas. Havia holocaustos, ofertas de cereais, ofertas de bebidas, ofertas pelo pecado e

ofertas de paz — todas feitas como celebração de ação de graças a Deus pela colheita de trigo. Levítico 23:16-20

Uma oferta especial desta festa deveria ser uma “nova oferta de cereais”, conforme mencionado no versículo 16. Essa oferta é descrita em Levítico 23:17: “Trareis de vossas habitações, d , dois pães de oferta, de dois décimos de efa cada; serão de farinha fina; serão assados com fermento; são a primícia para o SENHOR.” Os israelitas deveriam oferecer dois pães feitos com as primícias de sua colheita de trigo. Os pães deveriam ser agitados diante do Senhor como ação de graças e dedicação a Ele pelas bênçãos de sua colheita. Cinquenta dias antes, eles também haviam agitado uma oferta diante de Deus, mas era apenas um punhado das primícias. Agora, eles haviam começado a colheita propriamente dita do trigo e trouxeram dois pães, feitos com o que acabavam de colher, para oferecer ao Senhor. A colheita deles continuaria até que todo o trigo fosse reunido.

Correspondência com o Novo Testamento

A razão para entrarmos em detalhes sobre a Festa da Colheita de Israel, ou Festa das Semanas, é que ela se conecta especificamente ao Dia de Pentecostes do Novo Testamento. Primeiro, observamos a correspondência do momento dessa festa. Conforme citado anteriormente em Levítico 23:5, o 14º dia do primeiro mês era a Páscoa de Israel. No Novo Testamento, isso corresponde à morte de Jesus como o Cordeiro pascal maior — “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. (João 1:29). A morte de Jesus ocorreu exatamente nesta mesma data. Referindo-nos novamente a

Levítico 23:10,11, dois dias depois, no 16º dia do primeiro mês, a gaveta, ou punhado, das primícias era agitada perante o Senhor. Isso corresponde à ressurreição de Jesus, que igualmente ocorreu dois dias após sua morte como o Cordeiro pascal. Assim como havia predito, Jesus permaneceu no túmulo por parte de três dias — parte do dia 14, todo o dia 15 e parte do dia 16 do primeiro mês, segundo o calendário judaico. Mateus 16:21; Lucas 9:22

O apóstolo Paulo disse em 1 Coríntios 15:20 que Jesus era “a primícia dos que dormem”. Ele era o feixe, o punhado, das primícias — o primeiro a ser ressuscitado dentre os mortos para a vida eterna pelo poder poderoso de Deus. (Colossenses 1:18). Esse “agitar” simbólico do feixe da primícia demonstrou a aceitação de Deus do sacrifício redentor de Jesus, cujo resultado foi sua ressurreição dentre os mortos pelo poder divino. Finalmente, contando sete sábados mais um, ou cinquenta dias, a partir da ressurreição de Jesus, o feixe da primícia, chegamos ao Dia do Pentecostes, conforme registrado em Atos, capítulo 2.

Assim como a festa de Israel era a dedicação das primícias de sua colheita de trigo, o Dia do Pentecostes abrangia a dedicação das primícias maiores — o “trigo espiritual” a Deus. A igreja, composta por cristãos fiéis, deveria ser incluída como parte da classe das primícias. Jesus foi o “primeiro” da classe das primícias, mas a igreja também, conforme declarado em Tiago 1:18, é uma “espécie de primícias”. João, o Revelador, também se refere aos cristãos fiéis como as “primícias” em Apocalipse 14:4, onde os descreve como “redimidos dentre os homens, sendo as primícias para Deus e

para o Cordeiro”. Essa dedicação da igreja teve início no Pentecostes, quando ela foi simbolicamente apresentada, ou mostrada, perante o Pai Celestial como dedicada a Ele.

Ao considerarmos o Dia do Pentecostes, ele foi o culminar de três eventos muito importantes e vitais no plano de Deus. O primeiro foi o preço do resgate, que Jesus pagou quando morreu na cruz como preço correspondente por Adão. (1 Timóteo 2:5,6). O segundo desses eventos notáveis foi a ressurreição de Jesus pelo poderoso poder de Deus. (Efésios 1:19-21). O terceiro foi o Dia de Pentecostes — o dia da dedicação da futura igreja ao Pai Celestial.

O Dia do Pentecostes

Os eventos que marcaram o Dia de Pentecostes são numerosos. Não foi meramente o dia em que o espírito santo desceu sobre a igreja. Isso de fato aconteceu, e os benefícios não foram apenas para aqueles que estavam presentes naquele momento, mas se estenderam por todo o período desde então, àqueles que fizeram uma dedicação aceitável de suas vidas a Deus.

Para aqueles cento e vinte seguidores de Jesus reunidos no cenáculo, que haviam dedicado suas vidas a ele, o Dia de Pentecostes significou muitas coisas (Atos 1:15). Significava que Deus havia aceitado sua consagração a ele. Significava que agora estavam justificados aos seus olhos. Significava que agora sua vida de sacrifício teria início, e significava que a geração pelo espírito santo havia ocorrido. Como resultado, eles seriam agora

novas criaturas em Cristo Jesus. Romanos 5:1; 12:1; 1 Pedro 1:3; 2 Coríntios 5:17

O Dia de Pentecostes também tem sido de grande importância para todos os verdadeiros cristãos até os dias de hoje. Ele significou o início do “alto chamado de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:14). Pentecostes também denotou a unção, ou a dedicação, da igreja como um todo, para ser o “sacerdócio real” de Deus (1 Pedro 2:9). Mostrou que a oportunidade estava agora aberta para cada membro em potencial desse sacerdócio receber as coisas que aqueles no cenáculo estavam recebendo — a aceitação de Deus de sua consagração, a justificação, o início de seu sacrifício e a geração pelo espírito santo. Desde o Pentecostes, cada membro em potencial do sacerdócio real entrou nessa mesma relação por causa dos eventos que ocorreram naquela ocasião.

Pode-se até dizer que no Pentecostes teve início o processo de trazer o homem de volta à harmonia e ao favor de Deus, começando pela igreja. De fato, o Dia de Pentecostes foi a primeira evidência externa para a humanidade da imputação, por Deus, dos benefícios do preço do resgate provido por Jesus. Romanos 4:16-25

O Espírito Santo

Compreender o derramamento do Espírito Santo é fundamental para apreciar o pleno significado do Pentecostes. O que é o Espírito Santo? Em termos gerais, o Espírito Santo é o poder e a influência invisíveis de Deus. Ele sempre existiu. Deus é de eternidade a eternidade, e assim seu poder e sua

influência — seu Espírito Santo — também são de eternidade a eternidade.

Há, no entanto, um significado mais profundo para o espírito santo no que se refere aos cristãos dedicados. Para eles, o espírito santo pode ser definido como a influência e o poder santos e justos de Deus que dão a centelha da vida, nutrem e governam sua nova vida “em Cristo” (2 Coríntios 5:17). A palavra “espírito” vem da palavra grega *pneuma* e significa “sopro”. Para simplificar a definição do espírito santo para o cristão, ele pode ser comparado ao que o sopro de vida é para o corpo natural. O corpo precisa ter o sopro físico de vida. Se o sopro for retirado do corpo natural, ele morre em questão de minutos. Da mesma forma, sem o espírito santo — a influência santa e justa de Deus — a nova vida do cristão em Cristo não pode viver, desenvolver-se e crescer até a maturidade.

O espírito santo no Pentecostes

O capítulo 2 de Atos descreve o que aconteceu no Dia do Pentecostes em relação à concessão do espírito santo. Os versículos 2-4 dizem: “De repente, veio do céu um som como o estrondo de uma forte tempestade, e encheu a casa onde estavam sentados. Então, apareceram o que pareciam ser chamas ou línguas de fogo, que se pousaram sobre cada um deles. E todos os presentes foram cheios do espírito santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o espírito santo lhes concedia a capacidade.”

Por que Deus proporcionou uma demonstração tão evidente do derramamento do espírito santo como um “som vindo do céu”, um “rugido de uma forte

tempestade”, “parecendo chamas ou línguas de fogo” e falando em outras línguas? Houve duas razões para isso.

Primeiro, foi um testemunho para os presentes. O relato afirma: “Havia em Jerusalém judeus, homens devotos, de todas as nações debaixo do céu.” Muitos judeus haviam viajado para Jerusalém porque era um de seus dias de festa. Quando a outorga do espírito santo ativou os apóstolos, e eles começaram a falar [ou talvez a serem compreendidos] em outras línguas, isso foi um testemunho para todos os que ali estavam reunidos. (Atos 2:5,6). Muitos ficaram admirados e se perguntaram o que essas coisas significavam. Outros acusaram os apóstolos de estarem bêbados. Isso levou Pedro a se levantar e falar à multidão. Ele citou o profeta Joel e os Salmos, dando um belo testemunho do plano de Deus, centrado em Jesus. (Atos 2:12-40). O resultado desse testemunho é relatado em Atos 12:41. “Naquele mesmo dia, foram acrescentadas a eles cerca de três mil almas.”

Em segundo lugar, o derramamento do espírito santo no Pentecostes foi uma demonstração do poder e da influência de Deus como nunca antes vista em sua criação humana. Esse poder repousou de maneira especial sobre os apóstolos, na medida em que lhes foram concedidos vários “dons”. O apóstolo Paulo identificou alguns desses dons em 1 Coríntios 12:28-30 como: “dons de curas, de ajuda, de governo, de diversidade de línguas... de fazer milagres”. Todos esses faziam parte dos dons externos do espírito santo que foram concedidos para ajudar a estabelecer a Igreja Primitiva e a autoridade dos apóstolos. Eles foram uma

demonstração tremenda do poder e da influência de Deus sobre eles, manifestando Sua autoridade em seu favor.

Significado Maior

Por mais extraordinárias que fossem essas demonstrações, por mais emocionantes que fossem os dons, e embora tenham acrescentado três mil membros em potencial ao seu número em um único dia, nada disso foi o significado mais importante do Pentecostes. O significado maior do Pentecostes dizia respeito à obra principal do espírito santo, que seria interior. Essa obra não deveria ser vista pelo homem. Era, na verdade, a obra de desenvolver a vida da nova criatura de cada membro individual do “corpo de Cristo”. 1 Coríntios 12:27

O evento mais significativo associado ao Dia do Pentecostes foi a geração pessoal de cada um dos discípulos pelo espírito santo. Em 1 Coríntios 12, Paulo discute exatamente esse assunto. Depois de enumerar os vários dons do espírito nos versículos anteriores, ele afirma em 1 Coríntios 12:31: “Desejai ardentemente os melhores dons; e, no entanto, vos mostro um caminho ainda mais excelente.” O “caminho mais excelente” foi o tema do capítulo seguinte, 1 Coríntios 13 — no qual o apóstolo se concentrou exclusivamente na qualidade de caráter do amor. O amor é a soma dos frutos do espírito, nos quais é descrito o desenvolvimento da nova vida em Cristo (Gálatas 5:22,23). Esse era o caminho mais excelente, a obra mais excelente do espírito santo e o maior significado do Pentecostes.

As obras do espírito santo

A obra interior do espírito santo, que foi resumida por Paulo como sendo o amor, é mencionada em muitas passagens do Novo Testamento. O capítulo 8 de Romanos contém uma discussão detalhada sobre o espírito santo, que oferece muita iluminação e orientação aos seguidores de Cristo. A expressão “espírito santo” ou “espírito” é mencionada cerca de vinte vezes somente neste capítulo. As obras do espírito santo, conforme descritas aqui, podem ser divididas em dez áreas.

1. Romanos 8:1,2 fala do espírito santo como uma “lei”, uma lei de vida. O cristão deve ter o espírito santo — uma lei de vida — ou a nova criatura morre. Esses versículos dizem: “Portanto, agora não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. ... Pois a lei do espírito da vida em Cristo Jesus me libertou da lei do pecado e da morte.” Esta passagem não apenas diz que o espírito santo é uma “lei” de vida, mas também que libertou os seguidores de passos de Jesus daquela outra lei sob a qual estavam anteriormente — a “lei do pecado e da morte”.

2. O espírito santo é uma influência pela qual a pessoa anda e pensa. Romanos 8:4-6 destaca isso: “Para que a justiça da lei, que é d , se cumpra em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito. Pois os que são da carne pensam nas coisas da carne; mas os que são do espírito, nas coisas do espírito. Pois o pensamento da carne é morte; mas o pensamento do espírito é vida e paz.”

3. A geração do espírito santo encarna o pensamento de “Cristo em vós, a esperança da glória” (Colossenses 1:27). Romanos 8:9,10 aludem a isso, dizendo: “Não estais na carne, mas no espírito, se é que o espírito de Deus habita em vós. Ora, se alguém não tem o espírito de Cristo, não é dele. E, se Cristo está em vós, o corpo está morto por causa do pecado; mas o Espírito é vida por causa da justiça.” Este espírito santo de Deus ou, como Paulo também se refere a ele, o “Espírito de Cristo”, deve estar “em” seus seguidores. Cristo não está literalmente em nós. É o seu espírito de geração, a sua influência, que está em nosso coração e que nos motiva. 1 João 2:27

4. A quarta obra do espírito santo é descrita em Romanos 8:11, que diz: “Se o espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos também vivificará os vossos corpos mortais pelo seu espírito que habita em vós.” O espírito santo “vivifica” — dá vida. Ele dá a oportunidade de servir a Deus, de compreender a sua Verdade, de ser um sacrifício aceitável, e acabará por conceder a “coroa da vida” àqueles que forem fiéis até a morte. Apocalipses 2:10

5. A ação do espírito santo sobre nossas mentes nos ajuda a mortificar, ou dar morte, às obras da nossa carne caída. Romanos 8:13 diz: “Se vocês viverem segundo a carne, morrerão; mas, se pelo espírito mortificarem as obras do corpo, viverão.”

6. Outra obra do espírito santo é declarada em Romanos 8:14: “Todos os que são guiados pelo espírito de Deus, esses são filhos de Deus.” O espírito santo guia e dirige o cristão. Isso pode ser

visto como o cuidado providencial de Deus sobre seus seguidores. Seu espírito santo realiza esse cuidado ao estar com seus seguidores a cada passo do caminho estreito. O autor do hino escreveu: “Prefiro caminhar na escuridão com Deus do que ir sozinho na luz.” O povo de Deus pode dizer isso porque é o espírito santo — sua influência e poder providenciais — que guia e dirige suas vidas.

7. A geração pelo espírito santo é uma garantia da filiação. Romanos 8:15 afirma: “Não recebestes o espírito de escravidão para novamente estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção [filiação], pelo qual clamamos: Abba, Pai.” Que garantia o Espírito dá aos seguidores de Cristo de que são filhos de Deus!

8. Romanos 8:16 diz: “O próprio espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” Esta é uma afirmação de que nosso espírito, nosso coração, nossas motivações, que foram entregues ao Senhor na consagração, estão na mesma “sintonização”, por assim dizer, com Deus — isto é, eles “dão testemunho” juntamente com o espírito santo. Quando estes dão testemunho juntos, é uma declaração de que temos os mesmos objetivos que Deus, por meio do espírito santo, propõe em nós.

9. O espírito santo não nos impede de compartilhar das provações e dos “gemidos” da vida presente enquanto estamos na carne. É verdade que o poder de Deus pode realizar qualquer coisa, e Ele talvez pudesse usar o espírito santo para nos poupar das provações e dos gemidos da carne. No entanto, isso não é um e do nosso melhor interesse. Esse aspecto do espírito santo é mostrado em Romanos 8:23: “Nós mesmos, que temos a primícia do espírito,

gememos interiormente enquanto aguardamos ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção de nossos corpos.”

10. Romanos 8:26,27 dizem: “O espírito também socorre as nossas fraquezas; pois não sabemos o que devemos pedir como convém, mas o próprio espírito intercede por nós com gemidos que não podem ser expressos. E aquele que sonda os corações sabe qual é a intenção [grego: inclinação] do espírito, porque [ele] intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus.” O espírito santo, ao testemunhar com o nosso espírito, nos ajuda nos momentos em que temos dificuldade em orar ao Pai como desejaríamos, ou não sabemos o que devemos pedir. Como afirma o versículo, o espírito intercede “conforme a vontade de Deus”.

Cheios do Espírito

Somos advertidos pelo apóstolo Paulo a não “extinguir” o espírito santo — renunciar deliberadamente ao poder vivificante da nova criatura. (1 Tessalonicenses 5:19). Devemos estar atentos até mesmo a qualquer obstinação parcial a esse respeito. “Não entristeçais o espírito santo de Deus”, diz Paulo em Efésios 4:30. Em vez disso, esforcemo-nos por obter a medida mais completa possível da influência e do poder de Deus — para “ser cheios do Espírito” (Efésios 5:18). Assim, sendo fiéis até “à morte”, podemos verdadeiramente apreciar o significado do Pentecostes e as bênçãos que dele resultam para os cristãos que dedicaram suas vidas a seguir os passos de Jesus de sacrifício, sofrimento e serviço ao Pai Celestial.

Lição para 7 de junho

Débora e Baraque

***Versículos-chave: “E Débora, uma profetisa, esposa de Lapidote, julgava Israel naquela época. E ela morava sob a palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, no monte Efraim; e os filhos de Israel subiam até ela para serem julgados.”
Juízes 4:4,5***

***Passagens selecionadas:
Juízes 4:1-24; 5:1-3***

Depois de desfrutar de um período de oitenta anos de paz e bênçãos, a perseguição dos cananeus, liderada pelo rei Jabim e seu capitão Sísera, recaiu sobre Israel devido à sua infidelidade. Na providência de Deus, porém, uma mulher piedosa foi elevada a uma posição de liderança. Ela era Débora, uma profetisa e juíza de Israel.

O conselho de Débora era procurado enquanto ela se sentava “debaixo da palmeira”, conforme observado em nossos Versículos-chave. Ela era uma mulher de enorme sabedoria, integridade e coragem. Tendo avaliado o estado deplorável de Israel, Débora procurou o guerreiro Baraque. Ela disse-lhe: “Não ordenou o Senhor, Deus de Israel, dizendo: ‘Vai e reúne-te no monte Tabor, e leva contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? E eu atrairei para ti... Sísera, o capitão do exército de Jabim, com seus carros e sua

multidão; e eu o entregarei nas tuas mãos'?" Juízes 4:6,7

Barak já havia ouvido essa mensagem antes, mas não havia feito nada a respeito. Agora, com o incentivo de Débora, era hora de agir. Barak ainda hesitava, embora a palavra do Senhor devesse ter sido suficiente para estimular sua fé e fortalecer sua liderança. Ele disse a Débora: "Se tu fores comigo, então irei; mas se não fores comigo, então não irei." (Juízes 4:8). A hesitação de Baraque demonstrou uma fraqueza em sua fé. Débora declarou que iria com Baraque, mas que a vitória e a honra resultantes não seriam inteiramente dele. Ela disse: "Certamente irei contigo; contudo, a jornada que empreenderás não será para tua honra; pois o Senhor entregará Sísera nas mãos de uma mulher." Juízes 4:9

A batalha contra Sísera, seu exército e novecentas carruagens foi uma derrota total. Deus os entregou nas mãos de Baraque, exatamente como havia prometido. Sísera abandonou sua carruagem e tentou fugir a pé. O Senhor providenciou para que outra mulher corajosa de Israel estivesse esperando por ele. Jael, esposa de Heber, convidou Sísera, agora um fugitivo, para se abrigar em sua tenda. Ela lhe deu leite para beber e depois o cobriu. Juízes 4:13-19 Cansado da batalha, Sísera caiu em um sono profundo. Jael, decidida, pegou uma estaca da tenda em uma mão e um martelo na outra. Ela entrou na tenda onde o inimigo e opressor de Israel dormia e cravou a estaca em sua têmpora, fincando-a no chão. (Juízes 4:21,22). A vitória de Israel estava agora completa e, como Débora havia profetizado, Sísera caiu "pela mão de uma mulher".

Débora e Baraque nos ensinam grandes lições a partir de duas perspectivas diferentes. Quando Deus nos ordena algo, devemos ser rápidos em obedecer. Débora era uma mulher fiel e firmemente decidida a fazer a vontade de Deus. Ela recebeu uma grande bênção, tornando-se um exemplo de fé na Palavra de Deus. A experiência de Baraque nos ensina que Deus pode nos dar a vitória, mesmo quando somos fracos na fé. “Graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.” 1 Coríntios 15:57

Lição para 14 de junho

A Oração de Ana Respondida

Versículo-chave: “E aconteceu que, quando chegou o tempo, depois que Ana concebeu, ela deu à luz um filho e chamou-lhe Samuel, dizendo: ‘Porque eu o pedi ao Senhor’.”
1 Samuel 1:20

Passagens selecionadas:
1 Samuel 1:1-28; 2:1-11

Antes da época em que Israel tinha reis, havia um homem chamado Elcana, que tinha duas esposas, Penina e Ana. Penina tinha filhos, enquanto Ana não tinha nenhum. Todos os anos, Elcana levava sua família a Siló para adorar e oferecer sacrifícios ao Senhor, dando uma porção do sacrifício a cada membro de sua família. Elcana dava uma porção dupla a Ana por causa do seu grande amor por ela.

Penina, no entanto, zombava de Ana porque ela não tinha filhos, e essa crueldade continuava ano após ano, fazendo com que Ana chorasse e não comesse. Finalmente, certo ano, Ana orou silenciosamente a Deus e fez um voto, dizendo: “Ó SENHOR Todo-Poderoso, se apenas olhares para a miséria da tua serva e te lembrares de mim, e não te esqueceres da tua serva, mas lhe deres um filho, então eu o entregarei ao SENHOR por todos os dias da sua vida, e nenhuma lâmina jamais tocará a sua cabeça.” 1 Samuel 1:1-11

Deus ouviu a oração de Ana. No ano seguinte, ela teve um filho e o chamou de Samuel. (1 Samuel 1:19,20). O voto que ela fizera a Deus, de não permitir que uma navalha tocasse a cabeça de seu filho, era o voto nazireu. Este era “um voto especial, um voto de separação para o SENHOR”. Como parte desse voto, além de não cortar o cabelo, não se devia beber vinho, nem comer nada proveniente da videira. Quem fizesse esse voto não deveria ter contato com nenhum cadáver, incluindo membros da família imediata. (Números 6:1-21). Durante todo o tempo em que uma pessoa se colocava sob o voto nazireu, ela era “santa ao SENHOR”. Números 6:8

O nome Ana significa “favor” ou “graça”. Aos seguidores do Senhor é dito: “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós mesmos: é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.” (Efésios 2:8,9). Ana levava uma vida de oração. Ela orava quando estava angustiada. Ela também orava quando estava agradecida, como quando apresentou seu filho Samuel ao sumo sacerdote Eli. 1 Samuel 2:1-11

A exortação de Paulo é: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplica, com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que transcende todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus.” (Filipenses 4:6,7). Devemos depositar plenamente nossa esperança e confiança em Deus, ter o espírito de alegria e orar continuamente, pedindo em harmonia com as suas promessas. Assim, teremos a paz de Deus e seremos capazes de “dar graças em todas as

circunstâncias d ", seja qual for a provisão que Ele permita. 1 Tessalonicenses 5:16-18

Ana fez um grande sacrifício a Deus. Ela dedicou seu filho Samuel a viver o voto nazireu de dedicação completa ao Senhor todos os dias de sua vida. Hoje, os seguidores consagrados de Cristo também fizeram um voto vitalício de consagração total a Deus, incluindo a separação das "coisas mortas" deste mundo maligno atual. Em vez disso, eles "revestem-se de Cristo", desenvolvendo os frutos e as graças do espírito santo. Gálatas 3:27; Efésios 4:24; Colossenses 3:10-17

Lição para 21 de junho

Jônatas e Davi — Amigos Fiéis

Versículo-chave: “E Jônatas disse a Davi: Vai em paz, pois ambos juramos em nome do Senhor, dizendo: O Senhor esteja entre mim e ti, e entre a minha descendência e a tua descendência para sempre. E ele se levantou e partiu; e Jônatas foi para a cidade.”
1 Samuel 20:42

Passagens bíblicas selecionadas:
1 Samuel 18:1-9; 19:1-7; 20:1-42

Depois de ter sido governado por vários séculos por juízes, Israel desejava um rei para que pudesse ser como todas as outras nações ao seu redor. Deus havia dito a Moisés que esse dia chegaria e estabelecido os requisitos para tal rei (Deuteronômio 17:14-20). Samuel foi uma figura-chave na instituição de um reino sob Saul. Foi Samuel quem mais tarde disse a Saul que seu reino lhe seria tirado por causa da desobediência a Deus, e que ele seria sucedido por um homem segundo o coração de Deus. (1 Samuel 13:13,14). Foi também Samuel quem ungiu Davi, quando Deus lhe ordenou: “Levanta-te, unge-o, pois este é o escolhido.” 1 Samuel 16:12,13

Como resultado dessa unção, o espírito do Senhor veio com força sobre Davi, ao mesmo tempo em que se afastava de Saul. Percebendo o estado de

melancolia do rei, seus servos mandaram chamar Davi para tocar sua lira e trazer alívio musical ao líder aflito. Saul passou a valorizar o serviço de Davi e o nomeou seu escudeiro. 1 Samuel 16:14-23

Um resultado significativo desses eventos foi a reação do filho de Saul, Jônatas, ao grande serviço que Davi prestava a seu pai e à nação de Israel. “Jônatas se uniu à alma de Davi, e Jônatas o amava como a sua própria alma. ... Então Jônatas e Davi fizeram uma aliança, porque ele o amava como a sua própria alma.” (1 Samuel 18:1,3). Assim, vemos a formação de uma amizade baseada no amor mútuo pelo serviço a Deus, como também demonstrado nas palavras do nosso Versículo-chave.

Essa amizade logo seria posta à prova. Após a derrota do exército filisteu por Davi, o povo proclamou: “Saul matou milhares, e Davi, dezenas de milhares.” (1 Samuel 18:7) Saul ficou furioso e pensou em conspirar contra Davi. No entanto, à medida que Davi vencia batalha após batalha contra os inimigos de Israel, Saul decidiu por uma maneira mais direta de removê-lo. Ele instruiu seu filho Jônatas e seus servos a matarem Davi. 1 Samuel 19:1

Jônatas amava seu pai e, como o mais velho de quatro filhos, era o herdeiro do trono de Israel. Sua lealdade máxima, no entanto, era para com o Deus de Israel. Conforme registrado em 1 Samuel 19:4, Jônatas disse a Saul que ele estava cometendo um grande pecado ao conspirar contra a vida de um homem que prestara serviços inestimáveis ao seu país e cuja lealdade sempre fora constante e dedicada. As palavras de Jônatas produziram um

efeito positivo na mente impulsiva de seu pai. Saul comprometeu-se por juramento a renunciar ao seu propósito hostil (1 Samuel 19:6,7). Assim, por meio da intervenção de Jônatas, uma reconciliação temporária foi alcançada, e Davi voltou a servir ao rei e ao povo de Israel.

Nas experiências acima, encontramos uma lição inestimável sobre como estabelecer um alicerce de amor para com nossos irmãos. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” João 15:13

Lição para 28 de junho

Amós, um Profeta Corajoso

Versículo-chave: “E o Senhor me tomou enquanto eu pastoreava o rebanho, e o Senhor me disse: Vai, profetiza ao meu povo Israel.”
Amós 7:15

Passagens selecionadas:
Amós 1:1; 2:6-16; 3:1-15; 7:10-17; 9:11-15

Amós era natural de Tecoá, que ficava a cerca de dez quilômetros ao sul de Belém. Evidentemente, porém, ele viajou para o norte, para o território do reino das dez tribos, e lá exerceu a maior parte de seu ministério. Amós predisse as terríveis calamidades que se abateriam sobre Israel por causa de seu pecado e sofreu perseguição por causa de sua fidelidade. Amós 2:6-16; 7:10-17

Por meio de Amós, o Senhor disse a Israel: “De todas as famílias da terra, só a vós conheci; por isso, vos castigarei por todas as vossas iniquidades”. Então surge a pergunta: “Podem dois andar juntos, a menos que tenham combinado fazê-lo?” (Amós 3:2,3). O ponto aqui é que, uma vez que o Senhor havia feito de Israel seu povo exclusivo, Ele esperava deles lealdade total. Se não O adorassem e servissem dessa maneira, seriam severamente punidos.

Nos versículos 11-15 do nono e último capítulo de Amós, Deus, por meio do profeta, prevê a

restauração de Israel e a reconstrução do “tabernáculo de Davi que está em ruínas”. Em Atos 15:13-18, essa profecia é citada pelo apóstolo Tiago, ao que ele acrescenta: “Conhecidas são a Deus todas as suas obras desde o princípio do mundo”. Deus tem um tempo determinado para cada aspecto de seu plano. Toda a criação está sob sua responsabilidade, e todos os seus propósitos para Israel e todas as nações serão cumpridos. Isaías 55:11

O povo do Senhor hoje, assim como Amós, não deve ser dissuadido a ficar em silêncio, mas deve falar a verdade em amor, especialmente a esperança do reino da justiça e da paz. A conclusão da profecia de Amós, bem como a referência de Tiago a ela, terá seu cumprimento completo com o estabelecimento do reino de Deus, sob o reinado de Cristo, quando ao “remanescente dos homens” será dada a oportunidade de invocar o Senhor e ser abençoado. Atos 15:16,17

A respeito desse tempo prometido que está para chegar, lemos estas palavras: “Não mais ensinarão o seu próximo, nem dirão uns aos outros: ‘Conheçam o Senhor’, pois todos me conhecerão, desde o menor até o maior. Pois perdoarei a sua maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados.” (Hebreus 8:11,12). Essas promessas serão primeiro estendidas a Israel e depois se espalharão por todas as nações. Toda a humanidade terá a assistência de Cristo e de sua igreja glorificada, juntos, o “sacerdócio real”. (1 Pedro 2:9). Nessa época, também, “a terra se encherá do conhecimento do Senhor”. Temos, além disso, a certeza de que o conhecimento de Deus se

tornará tão claro que “os viajantes, mesmo os insensatos, não se desviarão dele”. Isaías 11:9; 35:8

Que perspectiva gloriosa se apresenta diante de nós, pela qual devemos ser eternamente gratos, e que se tornou possível pela entrega do Filho amado pelo Pai Celestial. (João 3:16; Romanos 6:23). Pense por um momento como será nosso mundo sem mais pecado, assassinatos, ódio ou “guerras e rumores de guerras”. (Mateus 24:6-7). Amós precisou de coragem para falar sobre a falta de fidelidade de Israel. No entanto, ele também tinha alegria, podemos ter certeza, pela esperança futura tanto de Israel quanto de toda a humanidade.

A Promessa Confirmada

“Abrão prostrou-se com o rosto em terra; e Deus falou com ele, dizendo: Quanto a mim, eis que faço a aliança contigo, e serás pai de muitas nações. E não te chamarás mais Abrão, mas o teu nome será Abraão; pois te constituí pai de muitas nações.”
Gênesis 17:3-5

O relato do Livro de Gênesis é de grande importância para o estudante sincero da Bíblia. Em suas páginas está estabelecida a base do plano de Deus para a salvação do homem e a eventual bênção de todas as famílias da terra. Portanto, fazemos bem em examinar seu relato de perto e sua harmonia com todo o registro bíblico encontrado na Bíblia. Para nossa consideração atual, nosso foco se concentrará em Gênesis, capítulos dezesseis, dezessete e dezoito.

Nesses três capítulos, ao estudarmos o modo como Deus lidou com Abrão, mais tarde chamado Abraão, é importante ter em mente a promessa divina a respeito de uma “descendência”. Abrão teria uma descendência, uma semente, que ocuparia um lugar importante no plano de Deus. Quando essa promessa foi feita pela primeira vez ao patriarca, sua esposa Sarai, mais tarde chamada Sara, era estéril. No entanto, ambos acreditaram na promessa de Deus e esperaram pacientemente pelo nascimento de um filho. Contudo, nenhum filho veio. Gênesis 16:1

Foi uma longa espera. Para começar, houve o tempo que decorreu desde a promessa até a morte de Terá, pai de Abrão, pouco antes de eles entrarem na terra de Canaã. Agora, mais dez anos se passaram, e ainda assim nenhuma criança havia nascido. Sarai, além de ser estéril, já estava bem avançada em idade, e sua fé de que se tornaria mãe da semente prometida começou a enfraquecer. Aparentemente, ela ainda acreditava no plano de Deus a respeito de uma semente, mas começou a se perguntar se era da vontade Dele que ela fosse a mãe.

Meditando sobre isso e desejando cooperar com o Senhor, se possível, ela sugeriu a Abrão que Hagar, sua serva, servisse como mãe de um filho para ele. De acordo com os padrões cristãos de hoje, isso poderia ser considerado um procedimento antiético, mas aparentemente não era visto como impróprio naquela época. De qualquer forma, nem Sarai nem Abrão foram repreendidos pelo Senhor por isso, embora Ele não tenha reconhecido a criança dessa união como sendo a semente prometida. Gênesis 16:2,3

Do ponto de vista natural, porém, a sugestão de Sarai não acabou sendo uma solução satisfatória para o problema. De forma bastante inesperada para Sarai, assim que Hagar soube que daria à luz um filho, começou a desprezar sua senhora. Naqueles dias, a capacidade de ter filhos era muito valorizada, e evidentemente Hagar começou a sentir que era bastante superior a Sarai, e agiu de acordo com isso. Gênesis 16:4

Sarai relatou a situação a Abrão, exclamando: “Que a culpa recaia sobre ti”, tentando assim culpar Abrão

por essa reviravolta nos acontecimentos. (Gênesis 16:5). É bem possível que Sarai, a princípio, esperasse que, caso Hagar tivesse um filho, ela se tornasse de alguma forma sua mãe adotiva, e Hagar se afastasse, não reivindicando os direitos da maternidade. Agora, porém, Sarai percebeu, pela atitude de Hagar, que não havia esperança para um acordo desse tipo, então ela percebeu que não tinha sido sensato sugerir esse método para obter uma descendência para Abrão.

Abram também percebeu que as coisas não estavam saindo como esperavam, então, por lealdade a Sarai, permitiu que ela lidasse com Hagar da maneira que achasse melhor. De acordo com Gênesis 16:6, Sarai tratou Hagar com severidade, provavelmente aumentando suas obrigações e tarefas. Alguns estudiosos da história afirmam que, de acordo com as leis vigentes na época, teria sido ilegal vender Hagar e, assim, livrar-se dela. Talvez essa tenha sido a razão pela qual suas tarefas foram aumentadas, na esperança de que ela abandonasse a casa e fugisse, o que foi exatamente o que aconteceu.

Deus intervém

Nesse momento, o Senhor interveio no assunto. Seu anjo, ou mensageiro, encontrou Hagar “junto à fonte, no caminho para Sur”. Sur era o nome da grande muralha fortificada que separava o Egito de Canaã. Evidentemente, Hagar estava tentando voltar para seu próprio povo no Egito; mas o Senhor interveio e, por meio de seu anjo, instruiu-a a retornar e se submeter à sua senhora. Gênesis 16:7-9

Então o anjo proferiu uma profecia notável. “O anjo do SENHOR disse-lhe: Multiplicarei grandemente a tua descendência, de modo que não poderá ser contada por ser tão numerosa. ... Eis que estás grávida e darás à luz um filho, e lhe darás o nome de Ismael; porque o SENHOR ouviu a tua aflição.” (Gênesis 16:10,11) Os historiadores parecem bastante concordantes em que uma grande parte da população dos países árabes do Oriente Médio é descendente de Ismael.

Hagar ficou muito impressionada com a visita do anjo do Senhor. O poço onde o anjo a encontrou chamava-se Beer-Lai-Roi, que em hebraico significa “Poço do Vivente que me vê”. Hagar pareceu perceber que o Senhor a havia estado vigiando e que, embora tivesse fugido de Abrão e Sarai, não havia conseguido escapar do Deus de Abrão. Ela voltou para sua senhora e, no tempo certo, Ismael nasceu. Gênesis 16:13-16

Havia também uma lição nessa experiência para Sarai e, de fato, para todos os que se esforçam para servir ao Senhor. É a lição de que nada se consegue tentando fugir de nossas provações ou forçando-as a se afastar de nós. A falta de fé de Sarai trouxe uma provação severa à sua vida, e ela pensou em se livrar dela forçando Hagar a fugir. No entanto, o Senhor trouxe a experiência de volta para ela. Provavelmente, a experiência também suavizou a atitude de Hagar. De qualquer forma, o relato bíblico indica que as duas mulheres viveram juntas depois disso por 15 a 17 anos.

A Aliança de Deus Reafirmada

Treze anos já haviam se passado, e em Gênesis 17:1, lemos: “Quando Abrão tinha noventa e nove anos, o SENHOR apareceu a Abrão e lhe disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda diante de mim e sê perfeito.” A declaração de Deus de que Abrão deveria ser “perfeito” seria mais corretamente traduzida como “completo ou íntegro”. Abrão era membro da raça caída e moribunda, e a perfeição de conduta estava bem além de sua capacidade. No entanto, ele podia ser íntegro diante do Senhor. Isso é possível para todo o povo de Deus, e nada menos do que isso é aceitável para o Senhor.

Em Gênesis 17:2-8, Deus reiterou a Abrão a aliança que havia feito anteriormente e ampliou algumas de suas características. Em consonância com a importância dos significados atribuídos aos nomes em conexão com o desenrolar do desígnio divino, o Senhor mudou o nome de Abrão, que significa “pai exaltado”, para Abraão, que significa “pai de uma multidão”. A declaração original da aliança assegurava bênçãos a todas as nações por meio da semente prometida, mas nesses versículos o Senhor amplia esse pensamento ao prometer que Abraão seria “pai de muitas nações”, que assim seriam abençoadas. O termo pai significa dador de vida, e essa foi a maneira de Deus explicar que a bênção que as nações receberiam por meio da semente de Abraão seria a da vida.

O apóstolo Paulo cita essa promessa e indica que todos os que exercem “a fé de Abraão” nas promessas que Deus lhe fez, qualificam-se, assim, para ser sua “semente” (Romanos 4:16-18). Parte dessa semente será terrena e parte celestial, mas a verdade importante que Paulo enfatiza é que não é

preciso ser descendente natural de Abraão para fazer parte de sua semente.

“Reis sairão de ti”, Deus prometeu a Abraão (Gênesis 17:6). Séculos mais tarde, os reis da nação de Israel vieram da linhagem de Abraão. No entanto, o principal cumprimento dessa promessa está relacionado à semente espiritual de Abraão — Jesus, a Cabeça, e a igreja, seu corpo (; Gálatas 3:16, 27-29; Colossenses 1:18). Jesus será o Rei dos reis, e sua igreja reinará com ele como reis por mil anos. Apocalipses 5:10; 20:6

Gênesis 17:8 afirma que, embora Abraão estivesse vivendo em Canaã naquela época, ele era um “estrangeiro”, ou peregrino, na terra. Abraão morreu sem possuir a terra que Deus lhe prometeu; nem Isaque nem Jacó possuíram a terra. (Hebreus 11:8-10,13). A descendência terrena de Abraão, no entanto, possuirá a terra quando for restaurada à vida na ressurreição. É de suma importância mantermos em mente a perspectiva eterna de Deus em nosso estudo de Sua Palavra, para que não caiamos em confusão e erro em nossos esforços para determinar como algumas de Suas promessas são cumpridas.

Circuncisão — Um Sinal da Aliança de Deus

Em Gênesis 17:10-14, as instruções de Deus a Abraão a respeito da circuncisão foram dadas como um “sinal da aliança” entre eles. Paulo fala da circuncisão como um “sinal” da fé que Abraão já havia exercido para com Deus e suas promessas, e para todos aqueles que seguem os mesmos passos de fé. Romanos 4:11,12

No Novo Testamento, a circuncisão é usada para simbolizar a sinceridade de coração e a pureza de intenções. Trata-se basicamente do mesmo conceito contido na declaração do Senhor a Abraão de que ele deveria ser “reto”. Embora os descendentes espirituais de Abraão não sejam chamados a praticar o rito literal da circuncisão, eles são exortados a circuncidar seus corações e a rejeitar todas as impurezas da carne. Paulo escreveu: “A circuncisão é a do coração, no espírito, e e , não na letra; cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus.” “Vocês são circuncidados com a circuncisão feita sem mãos, ao se livrarem do corpo dos pecados da carne pela circuncisão de Cristo.” Romanos 2:29; Colossenses 2:11

É apropriado que o símbolo da Aliança Abraâmica, que abrange tudo, seja a circuncisão. Quando levamos em consideração a explicação do Novo Testamento sobre o que a circuncisão significa, isso significa que ninguém receberá as bênçãos prometidas sob a Aliança Abraâmica, a não ser com base na pureza de coração e de motivos perante o Senhor e em uma fé inabalável em suas promessas e na justiça de suas leis.

A Mudança do Nome de Sarai

Voltando a Gênesis 17, nos versículos 15 e 16, o Senhor revela a Abraão que o nome de Sarai deveria ser mudado para Sara — significando “nobre”, já que ela seria a mãe de reis. O apóstolo Paulo explica a maneira como Sara é considerada pelo Senhor como sendo a mãe de reis, afirmando que isso se deve ao fato de ela simbolizar a aliança pela qual a semente espiritual de Abraão é desenvolvida. Assim, Sara é a mãe dos mesmos reis

dos quais Abraão é o pai simbólico. Estes são os reis que Paulo diz serem “os filhos da promessa”, que reinarão por mil anos para a bênção de todas as famílias da terra. Gálatas 4:22-31

Isaac Prometido

Abraão tinha grande fé nas promessas de Deus, mas não era uma fé perfeita. Às vezes ela vacilava, e um desses momentos está registrado em Gênesis 17:17,18. Apesar da esterilidade de Sara, Abraão teve fé para acreditar, quando Deus lhe fez a promessa pela primeira vez, que ela lhe daria um filho, pois ela era então muito mais jovem. Agora, porém, além de sua esterilidade, ela tinha noventa anos. Quando o Senhor lhe disse, desta vez, que Sara daria à luz um filho, Abraão “prostrou-se com o rosto em terra e riu”.

No seu coração, indica a passagem, Abraão duvidava que tal coisa pudesse acontecer, e, levantando-se do chão, suplicou perante o Senhor: “Oh, que Ismael viva diante de ti!”, para ser a semente da promessa; parece ser esse o pensamento dessa súplica. Deus assegurou a Abraão que Ismael viveria e se tornaria pai de uma grande nação; mas, no que dizia respeito à semente prometida, Sara teria um filho, cujo nome seria Isaque, e ele seria o herdeiro da aliança da promessa. Gênesis 17:18-21

Isaac deveria nascer “nesta mesma época do ano que vem”, diz o versículo 21. Aqui havia uma profecia temporal de considerável importância para Abraão. Ele havia esperado muitos longos anos para que Deus cumprisse sua promessa de uma semente, mas durante todo esse tempo nenhuma

indicação havia sido dada, até então, quanto tempo essa espera precisaria continuar. Da mesma forma, Deus tem provado a fé da maioria de seu povo por meio dessa mesma espera. Os discípulos perguntaram a Jesus após sua ressurreição: “É agora que restaurarás o reino a Israel?” Jesus respondeu: “Não vos cabe saber os tempos ou as épocas que o Pai reservou para si mesmo.” Atos 1:6,7

Muitas vezes, quando se aproxima o tempo para que os eventos esperados ocorram, o Senhor revela o segredo aos seus servos. Noé trabalhou longos anos na construção da arca, provavelmente sem nenhuma ideia definida de quando o dilúvio viria, mas finalmente o Senhor disse: “Daqui a sete dias farei chover sobre a terra.” (Gênesis 7:4). Assim, agora, a Abraão, o Senhor disse: “Nesta época do ano que vem.” Tendo em vista o que Abraão pensava em seu coração a respeito da improbabilidade de Sara lhe dar um filho, talvez o Senhor lhe tenha dado essa informação definitiva como um meio de fortalecer sua fé.

Nos versículos finais do capítulo 17 de Gênesis, está registrado que Abraão foi rápido em obedecer às instruções do Senhor a respeito da circuncisão, o “sinal da aliança”. “Naquele mesmo dia”, diz o relato, ele procedeu à circuncisão de todos os homens de sua casa, incluindo a si mesmo e a seu filho Ismael. (Gênesis 17:23-27). Há muitas evidências nas Escrituras de que o Senhor aprecia a obediência imediata. No caso de Abraão, sua prontidão indicaria também que sua fé na promessa de Deus a respeito de Sara havia sido restaurada e que ele

desejava cumprir cada detalhe referente à sua parte na aliança.

Deus aparece a Abraão

Mamre era um amorreu que anteriormente se unira a Abraão na ocasião em que este resgatou seu sobrinho Ló. (Gênesis 14:13). Em Gênesis 18:1, a expressão “planícies de Mamre” evidentemente significa as planícies que pertenciam a Mamre, pois Abraão era apenas um estrangeiro na terra. Aparentemente, porém, ele mantinha relações amigáveis com muitos cananeus, como Mamre e outros.

“O Senhor apareceu” a Abraão, afirma o texto, mas mais tarde essa aparição acaba sendo a visita de “três homens” que serviam como mensageiros do Senhor. (Gênesis 18:2). Essa forma de expressão é empregada com bastante frequência na Bíblia quando se fala das relações do Senhor com os membros da humanidade. Nenhum ser humano poderia ver a Deus e viver. (Êxodo 33:20). No entanto, quando Ele envia Seus mensageiros, espera que aqueles a quem eles visitam os tratem com dignidade e considerem a mensagem que transmitem.

Esses “três homens” que visitaram Abraão eram anjos — isto é, seres do espírito — que se materializaram para poder conversar livremente com o patriarca. No Novo Testamento, o apóstolo Paulo se refere a eles como tal e, por implicação, cita a hospitalidade de Abraão como um exemplo digno de ser imitado. “Não deixem de praticar a hospitalidade, pois, por meio dela, alguns, sem saber, hospedaram anjos.” Hebreus 13:2

A hospitalidade de Abraão

É preciso nos colocarmos no lugar de Abraão para compreender seu grande desejo de fazer com que seus visitantes inesperados se sentissem em casa. Não era como se ele morasse numa rua movimentada da cidade, por onde milhares de pessoas passariam todos os dias. Em vez disso, ele vivia nas “planícies” e numa tenda. É bem possível que passassem dias sem que um único estranho passasse por sua tenda. Eis que apareceram três deles, e tudo indicava que eram homens de considerável importância.

Na visão de Abraão, este seria um evento especial, e ele desejava aproveitá-lo ao máximo. O próprio Abraão era um homem importante naquela parte do mundo e estava acostumado a dar instruções quando queria que as coisas fossem feitas. Ele deu instruções a Sara para que ajudasse a preparar uma refeição para esses visitantes excepcionais. O mesmo se aplica ao jovem a quem ele instruiu a preparar um bezerro e prepará-lo para a refeição. Gênesis 18:6,7

Abraão demonstrou certo entusiasmo com a visita dos três homens, pois o relato diz que ele “correu para o rebanho” e escolheu pessoalmente um bezerro que sabia que seria macio para comer. Visitas do Senhor por meio de seus mensageiros credenciados não eram novidade para Abraão. Embora o apóstolo Paulo explique que ele “hospedou anjos sem saber”, é bem possível que ele tenha percebido esses três homens como algo mais do que eles estavam revelando. De qualquer forma, ele provou ser um anfitrião gentil e gracioso, e Sara parece ter cooperado de boa vontade com ele.

A mensagem para Sara

Abraão ficou de pé enquanto seus convidados comiam, assumindo assim o papel de um servo. (Gênesis 18:8). Enquanto comiam, os três homens perguntaram sobre o paradeiro de Sara. Embora Sara tivesse ajudado na preparação da refeição, até aquele momento ela evidentemente se mantivera fora de vista. Então, o porta-voz desses visitantes disse a Abraão: “Certamente voltarei para ti por volta desta época no ano que vem, e Sara, tua esposa, terá um filho.” Gênesis 18:10

Evidentemente, a tenda não ficava longe de onde os homens estavam comendo, pois Sara ouviu esse anúncio e “riu por dentro”, ou, como diríamos, “riu consigo mesma”. No entanto, o anjo sabia que ela havia rido e, quando ele mencionou isso mais tarde, Sara negou, mas o anjo disse: “Não; mas você riu.” Gênesis 18:12-15

“Há alguma coisa difícil demais para o Senhor?” Esta é a lição prática que essa história nos ensina. Isso é de grande importância no que diz respeito à realização do plano de Deus. Talvez uma das razões pelas quais o Senhor permitiu que Abraão e Sara envelhecessem tanto antes do nascimento de Isaque tenha sido justamente para demonstrar que era Ele, e não eles, o responsável pelo cumprimento de todas as Suas promessas.

O cristianismo de hoje, e ao longo dos séculos passados, tem imaginado erroneamente que o sucesso dos propósitos de Deus na terra depende dos esforços do homem. Todos nós devemos nos alegrar por isso não ser verdade e por seu plano de abençoar todas as famílias da terra por meio da

descendência de Abraão ter a certeza de ser cumprido. É certo, apesar de todas as circunstâncias que parecem indicar o contrário. É uma “esperança que temos como âncora da alma, segura e firme”. Hebreus 6:19

Deus Testa Abraão

O Senhor confia aos seus servos assuntos que dizem respeito a eles e àqueles em quem eles têm interesse particular. Em termos gerais, o povo de Deus, iluminado pela verdade, deve se interessar por toda a humanidade. Deve ter o espírito de Abraão e manifestar entusiasmo pelo plano de Deus — o plano de que, por meio da descendência de Abraão, todas as famílias da terra serão abençoadas.

O Senhor havia decidido destruir Sodoma por causa da imensa maldade da cidade. No entanto, Ele aproveitou a ocasião para testar o interesse de Abraão pelo povo da cidade e, particularmente, sua preocupação com seus próprios parentes — Ló e sua família, que ali moravam. “Devo esconder meu plano de Abraão?”, perguntou o SENHOR . “Pois Abraão certamente se tornará uma nação grande e poderosa, e todas as nações da terra serão abençoadas por meio dele.” Gênesis 18:17,18

Nesta passagem, temos um exemplo interessante de como Deus leva em conta as limitações mentais de seus servos para que possam compreender seu ponto de vista. Parafraseando a declaração de Deus a Abraão, isso implica que ele havia ouvido um relato de que o povo de Sodoma e Gomorra era muito perverso, então ele desceu para investigar. Se fossem tão perversos quanto o relato indicava, ele

certamente os destruiria. Na verdade, é claro, o Criador do universo e Deus do céu e da terra não precisava visitar a Terra pessoalmente para obter as informações de que precisava. Essa era simplesmente a maneira dele de se expressar no nível de compreensão de Abraão.

Abraão intercede

Abraão evidentemente percebeu que o Senhor tinha em mente a possível destruição de Sodoma e Gomorra. Ele suplicou ao Senhor com fervor para salvar a cidade, especialmente se houvesse algumas almas justas ali. Abraão perguntou inicialmente se a cidade seria poupada caso fossem encontradas cinquenta almas justas. Ao continuar a reduzir o número, é possível que ele tivesse Ló e sua família em mente. Gênesis 18:23-32

O Senhor demonstrou tanto sua paciência com Abraão quanto sua disposição de mostrar misericórdia ao atender ao seu pedido, mesmo enquanto ele continuava reduzindo o número. No fim das contas, não havia nem mesmo as dez pessoas justas exigidas, de modo que as cidades foram destruídas. Gênesis 19:24,25

Isso levanta um ponto importante em vista da promessa de Deus de abençoar todas as nações da terra. Jesus indica que não foi feito nenhum esforço para levar Sodoma e Gomorra ao arrependimento. Se tivesse havido, explicou Jesus, elas teriam permanecido e não teriam sido destruídas. (Mateus 11:23,24). Mais importante ainda, porém, Jesus também explicou que, no período do dia do julgamento do reino, lhes será dada uma oportunidade de se arrependerem, mudarem seus

caminhos e ganharem a vida. Assim, vemos um exemplo claro do fato de que, juntamente com o resto do mundo, eles serão lembrados, em harmonia com a promessa feita a Abraão de que, por meio de sua semente, todas as famílias da terra serão abençoadas. Como ansiamos pelo cumprimento em breve desta e de todas as promessas de Deus para sua criação humana!